

Drama no Mundo

Maria Dolores

O cavalheiro de renome e brilho,
Quarenta e dois dezembros de existência,
Tinha consigo um filho,
Irrequieto rapaz de vinte primaveras...

Viúvo, ele encontrara uma jovem bonita,
De maneiras sinceras,
Com quem se reuniria em casamento...



Mas conduzindo o filho de visita
Ao lar da noiva, em doce entendimento,
Eis que o rapaz por ela se apaixona
E, moço inteligente,
Ante a afeição que lhe transborda à tona
Do coração ardente,
Dá-se, de todo, à treva que o invade...
E, tão astuto quanto desumano,
Friamente executa um lamentável plano
De indescritível crueldade...

Notando, em certo dia, o pai acometido
Por resfriado leve,
Ministra-lhe o rapaz um forte entorpecente,
O genitor caído,
Em tremendo torpor, delira estranhamente,
E, de dose a outra dose, parecia
Mais doente e cansado, a cada novo dia.

O rapaz busca a jovem paravê-lo
E a moça foge amedrontada,
Fitando o descontrole e o desmazelos
Daquele que não mais conseguiria
Conceder-lhe migalha de alegria
Da ventura sonhada...

O resto da ocorrência
Qualquer pessoa pode imaginar:
O fazendeiro se afastou do lar,
Quase que inconsciente,
E, recolhido a um pensionato
Para enfermos da mente,
Muito longe de casa,
Eis que todo o equilíbrio se lhe arrasa,
Ante um texto legal que o destitui
Da regência de tudo o que possui.

O filho conseguira ilhá-lo em supremo desgosto,
O pai tanto reclama e tanto se tortura,
Que apresenta, rebelde e descomposto,
Um quadro indiscutível de loucura.
Não se descuida o moço... Mês a mês,
Envia ao pensionato o justo numerário
Para o custeio necessário
Das despesas do pai
Que deixara de vez...

30 Drama no Mundo

Maria Dolores

Tempo vem, tempo vai
E, ao termo de dois anos,
De pesados e rudes desenganos,
Certa noite, o doente
Abandona a pensão e foge sem destino...

O jovem na cidade interiorana
Finalmente conquista
A ex-noiva do pai que acredita, inocente,
Na morte imaginária
Do homem bom que adorara, ternamente,
Através de uma carta simulada
Que o moço sedutor lhe expõe à vista.

O casal prosperou, vivendo agora
Na metrópole grande, em formosa mansão,
Um filho se lhe fez a base da união
E marido e mulher viviam, de hora à hora,
Em constante alegria...
De lembranças do pai nenhum sinal
Que lhes turvasse a vida
No azul do céu mental...
Festas, viagens, luxo, fantasia...
O menino - seis anos de ternura -
Vive ligado à ama que o não solta,
Ambos sob a atenção de um guarda que os escolta,
Era o garoto um gênio de doçura...

Quase todos os dias,
 Quando descia ao páteo ajardinado,
 Via a criança um velho embriagado
 A sorrir-lhe, por trás das grades de um portão.
 — “Uma esmola, meu filho” - ele pedia,
 Mostrando o rosto magro em desconsolo.
 Ia o menino à ama e, em breve, aparecia,
 Trazendo-lhe, feliz, grande porção de bolo.
 — “Deus te abençoe, meu anjo!...” - O velho
 abençoava.
 Curioso, o pequeno perguntava:
 — “Onde é que você mora?”
 O pedinte dizia: - “Aqui por fora,
 Moro no Sítio da Calçada...”
 A ama, compreendendo a alusão do mendigo,
 Endereçava aos dois um olhar piedoso e amigo,
 Sabendo com bondade e simpatia
 Que a cena, no outro dia,
 Seria renovada.

Certa noite em que os pais se afastaram mais cedo
 Para uma longa festa em chácara distante,
 Dois ágeis salteadores
 Prendem o guarda num recanto escuro,
 Depois, transpondo o muro,
 Penetram na mansão... A dupla alcança
 O aposento onde jaz a tranqüila criança...
 A ama é silenciada com mordaça,
 O pequeno a gritar, segue sob a ameaça
 Das mãos armadas dos seqüestradores;
 A dupla arrasta, a esmo, o menino que chora,
 Mas, atingindo os três o portão de saída,
 Alguém surge com fúria desmedida,
 Um homem que se agarra ao pequeno indefeso
 E clama em alta voz: “Sou da polícia!...
 Sereis mortos, ladrões!... Meu carro aceso
 Chegará neste instante...”

Ouvindo aquela voz tonitroante,
 Um deles grita ao outro: - “Apague o velho tonto...”
 Depois, é dar no pé, nosso carro está pronto!...”
 Enquanto o homem semi-embriagado
 Guarda o pequeno ao lado,
 Ouvi-se um tiro e o pobre tomba e gême...

Despertam servidores,
 Distanciam-se os dois seqüestradores.

No piso do jardim, faz-se enorme alarido.
 A governanta chega... O velho é conhecido,
 É o mendigo que ali espera esmola,
 O mesmo que a criança alivia e consola...

30
Drama
no
Mundo

Maria Dolores



Nisso, o casal regressa à casa.

Um empregado descreve o acontecido... Enquanto a jovem mãe abraça o filho amado,
O dono da mansão busca ver o ferido,
Depois, grita ao mordomo:

— “Temos aqui um herói, um amigo leal,
Ele salvou meu filho, o anjo que conheço...
Quero agora salvar-lhe a vida, a qualquer preço,
No melhor hospital...”

Mas o homem caído

Nele pousou o olhar profundo
E vendo-se a morrer, de segundo a segundo,
Disse, calmo e sereno:

— “Meu filho, agora é tarde...
Se algo posso pedir, guarde o nosso pequeno...”

Depois, como quem vê nas Telas do Invisível,
Acrescentou com a voz a elevar-se de nível:

— “Maria Clara veio... É a despedida...
Devo hoje segui-la em outra vida...”

Ouvindo ali o nome

Da mãezinha que, há muito, falecera,
O dono da mansão, mais pálido que a cera,
Bradou, atormentado:

— “Quem é você? Alguém do meu passado?”

O velho sente o fim,

Estirado a gemer, no piso do jardim...

E, no esforço supremo a que se atira,

Na tremenda exaustão, em que ele expira,

Diz, ainda, no pranto que lhe cai:

— “Graças aos Céus, cumprí o meu desejo,

Ver você junto a mim é a luz maior que eu vejo...
Deus o abençoe, meu filho!... Eu sou seu pai!...”